
A MEMÓRIA E A IDENTIDADE EM *HISTÓRIA DE UM PESCADOR DE INGLÊS DE SOUSA*

Carlos Henrique Almeida¹
Ronaldo Junior Rodrigues²

RESUMO: A obra de Inglês de Sousa é muito valorizada dentro da literatura paraense por ser um belo e fiel registro da Amazônia do século XIX, de seu povo e de suas memórias. Tendo em conta que, em maior ou menor grau, a vivência do autor na região do Baixo Amazonas, onde nasceu, serviu de suporte para a elaboração de seus romances e contos, além, evidentemente, das memórias de seus familiares, propomos analisar a memória e a identidade na vida e na obra do autor em questão. Dentro da sua literatura também há o forte apelo identitário e memorístico, como se observa nos personagens José e Gonçalo, presentes na obra *História de um pescador*, através dos quais é feita uma análise de tais aspectos. Com base teórica em Le Goff (1996), Assmann (2011) e Ricoeur (2007), a constatação é que estudos neste sentido, podem promover, tanto através de uma análise dos personagens da obra, como do autor e seu contexto, um resgate da memória e da identidade de um povo que teve pouca oportunidade de se expressar e se perpetuar, em uma Amazônia marcada pela exploração.

Palavras-chave: Literatura paraense; Memória; Identidade; Amazônia.

Resumen: La obra de Inglês de Sousa es muy valorada dentro de la literatura paraense por ser un bello y fiel registro de la Amazonía del siglo XIX, de su pueblo y de sus memorias. Teniendo en cuenta que, en mayor o menor grado, la vivencia del autor en la región de Baixo Amazonas, donde nació, sirvió de soporte para la elaboración de sus novelas y cuentos, además, evidentemente, de las memorias de sus familiares, proponemos analizar la memoria y la identidad en la vida y en la obra del autor en cuestión. Dentro de su literatura también hay un fuerte apelo identitario y memorístico, como se observa en los personajes José y Gonçalo, presentes en la obra *História de um pescador*, a través de los cuales está hecho un análisis de tales aspectos. Con base teórica en Le Goff (1996), Assmann (2011) y Ricoeur (2007), la constatación es que estudios en este sentido, puede promover, tanto a través de un análisis de los personajes de la obra, como del autor y su contexto, un rescate de la memoria y de la identidad de un pueblo que tuvo poca oportunidad de expresarse y perpetuarse, en una Amazonía marcada por la exploración.

Palabras-clave: Literatura paraense; Memoria; Identidad; Amazonia.

Em *História de um pescador*, obra do autor paraense Inglês de Sousa, a memória e a identidade se manifestam de várias formas. O romance apresenta como protagonista um tapuio, indivíduo autóctone da região Amazônica, que, além da bravura e senso crítico, demonstra grande apreço pelo seu local de origem, a fazenda no interior de Alenquer, e essa relação é evidenciada pela constante rememoração exercida pelo personagem José, bem como pelo personagem Gonçalo Bastos, um imigrante europeu na Amazônia que sonha em retornar a sua terra natal, Portugal.

Por outro lado, temos o escritor, Inglês de Sousa, nascido em Óbidos, em 1853, cidade do interior da então província do Grão-Pará, cuja modesta produção literária, apresentada entre 1876 e

¹ Professor adjunto III da Universidade Federal da Integração Latino-americana. Atua no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e no Programa de Pós-Graduação Cidades Territórios e Identidades (PPGCITI) da Universidade Federal do Pará. E-mail: carloshlalliteratura@gmail.com.

² Professor efetivo do Instituto Federal do Pará (IFPA). E-mail: ronaldoptj@gmail.com.

1893, está repleta de elementos marcantes da sociedade do Baixo Amazonas do século XIX, o que supõe, dentro outras coisas, um intenso exercício de recuperação da memória e de valorização da identidade da região amazônica na construção dos seus romances e contos, ainda que de maneira indireta.

Ressaltamos a importância de estudar a memória e a identidade dos povos tradicionais da Amazônia do passado, pois, quando se trata da memória de povos colonizados, nos referimos a uma memória dúbia, que foi forçosamente apagada ao longo dos anos pelo colonizador (MEMMI, 1977). Tais povos não tiveram a oportunidade de perpetuar suas memórias, em grande parte dos casos. Pouco se sabe sobre o que representou para o indígena a colonização da Amazônia, por exemplo, e o pouco que se sabe, ou se supõe saber, provém de representações literárias escritas por intelectuais da época, e pela pouca tradição oral que não foi apagada ou ajustada a partir da perspectiva colonizadora.

Em um primeiro momento, neste trabalho, propomos uma discussão sobre a vida e obra do autor Inglês de Sousa, e, em seguida, analisamos de que maneira as memórias presentes na sua obra, sejam individuais ou coletivas, contribuíram com o resgate e com a preservação da memória do povo da região do Baixo Amazonas. Em um segundo momento, partindo para uma análise da obra em si. Sem abandonar os aspectos sociais e antropológicos que a obra representa, analisamos a memória e a identidade nos personagens José e Gonçalo, no livro *História de um pescador*, de 1876.

Do autor e sua obra

De acordo com Salles (1990), Inglês de Sousa saiu da região amazônica (província do Grão-Pará até então) ainda muito jovem, com pouco mais de 10 anos de idade, quando se mudou para São Luís, Maranhão, em 1864. A partir deste momento, Inglês de Sousa começou a despertar seu interesse pela literatura, o que o levou a ser o primeiro romancista nascido na Amazônia.

Apesar da obra de Inglês de Sousa não ser muito extensa, composta por cinco livros, sendo quatro romances e um livro de contos, isso não impede que todas as suas produções literárias contenham fortes marcas socioantropológicas da Amazônia do século XIX. Outros aspectos são muito relevantes dentro da sua obra, como o protagonismo do tapuio nos romances e contos, a denúncia da situação violenta a qual estes indivíduos estavam sujeitos e a linguagem usada pelos personagens e narradores, com muitas expressões típicas da região do Baixo Amazonas.

Todos esses elementos naturalistas/realistas presentes na sua obra fizeram com que a crítica reconhecesse a relevância da obra do autor e incluísse Inglês de Sousa na literatura nacional, ainda que

tardamente, já que seus primeiros romances não tiveram grande repercussão na época em que foram lançados. Cabe destacar que Inglês de Sousa foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Da memória individual: quando o autor escreve em nome da sua memória

É de se pensar: como Inglês de Sousa escreveu com tanta verossimilhança sobre uma região que ele havia perdido o contato íntimo tão novo? Evidentemente sua própria memória está contido na sua obra, baseada em sua vivência na região, lugar onde nasceu e viveu durante alguns anos. Entretanto, é possível dizer que sua obra foi feita, em grande parte, a partir dos relatos dos parentes mais próximos, que tiveram experiências mais profundas com a região do Baixo Amazonas, em especial, seu pai, com quem mantinha uma relação constante. Segundo Vicente Salles (1990, s/n), “O pai deve ter-lhe dado “argumentos”, notícias pormenorizadas, o vocabulário riquíssimo de expressões regionais e a precisão dos fatos históricos”.

Obviamente obras tão ricas em relação ao léxico e aos costumes da região que Inglês de Sousa abandona ainda tão jovem, com pouco mais de 10 anos, não foram construídas tendo unicamente suas memórias individuais, infantis. Inglês de Sousa, sem dúvida, se valeu das memórias de seus familiares, sobretudo seu pai, para elaborar suas obras. E ainda que suas intenções fossem outras, a respeito de escrever romances e contos sobre uma região pouco conhecida do Brasil naquele momento, podemos crer que, de algum modo, o autor pode tê-las escrito para rememorar, recuperar imagens da sua infância, da sua terra natal, da sua identidade amazônica, uma vez que memória e identidade têm uma relação próxima (LE GOFF, 1996), (CANDAU, 2005).

Ainda que Inglês de Sousa não fosse um tapuío, personagem frequente nas suas obras, esses personagens eram seus vizinhos, amigos de sua família, pessoas que fizeram parte da sua vida. Compunham, portanto, algum aspecto da sua memória e da sua identidade amazônica, e por isso se tornaram figuras presentes na sua produção literária.

Da memória coletiva: quando o autor escreve em nome da memória do povo amazônico

Com Lourenço Amazonas, em *Simá – Romance histórico do alto Amazonas* (1857), há o início de um movimento literário de dentro da Amazônia, nos termos da produção de romances, em que os personagens indígenas e tapuíos aparecem com traços fortes e marcantes. Nas obras de inglês de Sousa há essa continuidade. Seu livro, *História de um pescador*, de 1876, apresenta um protagonista tapuío, José, indulgente e crítico a respeito da sua realidade, que resiste à opressão imposta pelo capitão

Fabrcio, branco, grande proprietrio de plantaes de cacau no Baixo Amazonas. É o inrcio de uma nova construo desses indivduos, diferente da representao propagada pelos colonizadores na Amaznia, onde o autctone da regio era visto como irracional, submisso e preguioso.

O fato de que as populaes originrias da Amaznia no detinham os mesmos meios de preservao e propagao de memrias, costumes e arte dos europeus, favoreceu a produo de um discurso inferiorizante da realidade amaznica. Haja vista que os referncias utilizados na compreenso desse contexto estavam associados aos parmetros culturais e sociais presentes no imaginrio do colonizador (GONDIM, 2007), fato que legitimou as posturas e aes europeias.

No livro em questo, *Histria de um pescador* (1876), de Inglês de Sousa,   possvel entender de que maneira esse processo se deu, pois, em vrios trechos do livro ficam evidentes a explorao, a escravido, a violncia e a alienao cultural promovidas pelo homem branco contra o nativo da regio amaznica no século XIX.

Inglês de Sousa fala pelo tapuio, o descendente dos ndios submetido à cultura branca, o que é muito positivo, se consideramos que é a primeira vez que isso ocorre dentro da literatura da Amaznia. Entretanto, vale dizer, o indgena ou o tapuio no tiveram a oportunidade de falar de si mesmos, de escrever sobre seus pensamentos e sentimentos de revolta. Esse papel quem exerce é o autor, que consegue ver as crueldades pelas quais os tapuios passavam e as denuncia: “Sab is o que é ser podre no Amazonas? É ser escravo. É pior do que isso. O escravo tem seguro o alimento, e, portanto, a vida. O miserável tapuio nada tem de seguro no mundo” (SOUSA, 1990, p. 67).

Por tudo isso, nos dias atuais a produo literria de Inglês de Sousa se converteu em uma rica fonte de contato com o passado do indivduo amaznico. No podemos afirmar que a real inteno do autor era deixar um patrimnio memorial da Amaznia e do seu povo, entretanto, seus livros servem como objeto de análises sociais e antropolgicas dessa regio, além de literrias, pois consistem em verossmeis manifestaes das memrias, da vida, dos costumes e da linguagem da Amaznia do século XIX:

Desta forma, ele no somente comp s uma obra inerentemente regionalista, mas também conseguiu fixar, através de um enfoque realista, o ambiente, os tipos humanos e os costumes da sociedade cacauicultora amaznica em um determinado momento histrico: as décadas de sessenta e setenta do século XIX [...] Inglês de Sousa valeu-se das condies de existncia das populaes amaznicas, principalmente das festas e dos costumes cotidianos, para ambientar o enredo de seu romances e contos, tarefa favorecida, ademais, pela vicissitude de o autor ser originrio da própria regio (BARRETO, 2003, p. 34).

Entretanto, o fato de que ainda existem vestígios da memória sobre o povo originário da Amazônia deixados por autores como Inglês de Sousa não pode ofuscar o fato de que essas imagens não foram deixadas por essas próprias pessoas, mas sim, por intelectuais que conseguiram ver e denunciar as injustiças vividas por esse povo. Inglês de Sousa, ainda que tivesse nascido na Amazônia e se sentisse parte dela, não carregava a condição de ser tapuio. Ou seja, é possível ver os dois lados do processo: um apagamento do autóctone (a cargo do discurso do colonizador europeu na Amazônia), e uma tentativa de recuperação dessa memória (a cargo de autores, artistas e intelectuais nascidos na Amazônia).

O artista da memória é, para Rossi (2010, p. 18), o intérprete da realidade do universo, o possuidor da “chave universal” que está escondida e assim deve permanecer para os mortais comuns. As obras de Inglês de Sousa são, portanto, um retrato social e antropológico, as memórias do povo e da vida no rio Amazonas, principalmente do século XIX, um universo que ele também fazia parte e que conseguiu perpetuar. Inglês de Sousa escreveu para que, através da sua arte, a memória e a identidade do povo da Amazônia persistisse, ainda que essa não tivesse sido sua intenção principal.

A memória e a identidade na obra e dos personagens de *História de um pescador* (1867) de Inglês de Sousa

O livro conta a história de José, um tapuio, filho do pescador Anselmo Marques e de Benedita. José vivia com seus pais às margens de um igarapé no interior de Alenquer, até que ainda pequeno foi enviado à cidade para estudar. Inconformado com a nova vida longe da sua casa e dos seus pais, onde é obrigado a estudar, José foge da escola durante uma visita da mãe a Óbidos. José então descobre que seu pai faleceu prestando serviço ao seu patrão, Fabrício Aurélio, homem branco violento, autoritário e dono de grandes terras na região do Baixo Amazonas e retorna a sua casa em Alenquer.

De volta a sua casa, o *Retiro*, José é obrigado pelo capitão Fabrício a pagar, com trabalho, uma suposta dívida que seu falecido pai deixou. A partir de então, José é submetido à exploração e violência por parte do capitão Fabrício. A situação se agrava quando Fabrício manda sequestrar a noiva de José, Joanhina, com quem José planejava casar e construir uma vida simples e tranquila. Ao final, depois de perder tudo o que tinha, indignado, devido as sucessivas humilhações impostas por Fabrício, José atira no capitão.

Durante o romance, a memória se manifesta através de dois personagens, José, o protagonista do romance, e Gonçalo Bastos, um emigrante português que vive no Baixo Amazonas e é cometido por recorrentes recordações de sua terra natal. A memória em José se articula quando o personagem

volta a casa depois de quatro anos estudando contra sua vontade em Óbidos, e relembra os bons e simples momentos de sua infância. Além disso, o personagem se vê obrigado a se manter afastado do igarapé de Alenquer, lugar de sua residência, no final da trama, a pedido do padre Samuel, porque corre perigo de ser morto pelo capitão Fabrício. Durante este período, por conta de suas recorrentes memórias de casa, da mãe e de Joaquina, José se inquieta com a ideia de não estar em casa e relembra dos bons momentos vividos às margens dos rios de Alenquer ao lado de sua mãe e Joaquina.

Da memória e um rio: o tapuio José de volta ao lar

O título do primeiro capítulo do livro *História de um pescador*, “A volta ao lar”, já supõe reencontro com o passado, com as pessoas ou com a ausência delas. José, ao chegar à casa, inicia um processo, doloroso, pode-se dizer, de memória. Reencontra o lugar onde nasceu, a casa, os compartimentos, os artefatos religiosos de sua mãe, seus antigos brinquedos, e tudo traz à memória um momento de sua vida que parece distante, cheio de paz e simplicidade:

O interior da pequena habitação estava então no mesmo estado em que José o deixara quatro anos antes. A pequena sala, em que dormiam Anselmo e Benedita, tinha ainda o seu *jirau* de caraná, os tipitis pendurados do teto, a grande arca em que se guardavam as roupas; e os registros dos santos, presentes anuais do padre Samuel, vigário de Alenquer, enchiam as paredes de barro batido [...] Na alcova em que dormia o rapazinho estava ainda o grande barco, com que o mimoseava o velho Inácio Mendes, e com o qual brincava em criança. Os seus arcos e flechas, de que se servia na caça e na pesca, bem como as linhas, os caniços e uma pequena espingarda continuavam penduradas na parede, como outrora (SOUSA, 1990, p. 49)

É neste momento de retorno a casa e de reencontro com tudo o que fazia parte de sua vida que José percebe que tinha um amor desmedido pela sua origem, sua casa; um amor que nem ele mesmo conhecia antes de afastar disso tudo: “é preciso ter amado o lugar para o qual voltamos depois de longa ausência [...] para que possamos fazer uma ideia dos sentimentos que o possuíam” (SOUSA, 1990, p. 50). A memória de José, neste sentido, ao mesmo tempo que é individual, pode ser considerada também coletiva, por abranger elementos identitários de todo ribeirinho ou tapuio criado às margens do rio Amazonas.

Entretanto, José percebe que nem tudo está como antes: sente falta de seu falecido pai, ao passo que se vê sozinho com sua mãe e sabe das implicações disso. José é o responsável pela casa e pela sobrevivência de sua mãe em uma região dominada pela pobreza e exploração. O medo do que está por diante o apavora tanto que, mesmo sendo descrito como um jovem e valente tapuio, José não se contém e chora.

De Óbidos, cidade onde foi obrigado a estudar durante a infância por quatro anos, só há recordações negativas, e o rapaz se encontra livre, finalmente, da prisão que a escola e as regras impostas pelos religiosos dali representavam, ainda que, no fundo do peito, a morte do pai o faz sofrer:

[...] apesar de sinceramente afetado pela morte do pai, sentia o coração dilatar-se, abrindo-o de novo à esperança, sentia uma alegria íntima [...]. § Remando por entre as ilhas do Amazonas, o rapaz pensava no colégio, naqueles anos que reputava perdidos para a vida, nos desgostos sofridos, nas privações suportadas, lembrando-se que àquela hora os companheiros de estudo dormiam sob o olhar terrível do padre José, na grande sala, agradecia a Deus do fundo d'alma o tê-lo libertado da tão terrível prisão, deixando-o agora vogar livre nas águas do grande rio (SOUSA, 1990, p. 48).

Após o retorno e o contato com sua casa e sua vida antes de se mudar para Óbidos, José é informado por Fabrício que seu falecido pai, Anselmo, deixou uma suposta dívida com o capitão, que era seu patão. Para honrar o nome de seu pai, José começa a trabalhar para Fabrício, e por conta disso, é submetido a várias humilhações. No decorrer da obra, José levanta uma série de discussões a respeito dessa relação de exploração e violência que ele e seu pai estiveram submetidos, atribuídas ao fato de serem tapuios, enquanto que Fabrício era branco e detentor de propriedades na região. Tal relação de domínio era vista como injusta pelo próprio protagonista, José, o que o leva a entrar em conflitos com Fabrício.

A situação se agrava quando Fabrício manda sequestrar Joaninha, a noiva de José. Durante o sequestro, José entra em confronto com os bandidos de Fabrício, onde acaba naufragando e perdendo a chance de salvar Joaninha e sua mãe, que estava com ele na sua canoa. Depois de algum tempo, José é encontrado, quase morto, na fazenda de um velho português, Gonçalo Bastos, que lhe dá cuidados e o salva da morte. Assim que se recupera, José é levado pelo padre Samuel novamente a Óbidos, cidade onde foi obrigado a estudar durante a infância, contra sua vontade. Ali o padre Samuel crê que José deve permanecer para que se recupere, e também por acreditar que José corre risco de ser morto por Fabrício.

É em Óbidos onde sua memória o leva ao sítio de Alenquer novamente, preocupado com Joaninha e sua mãe, José se enfada com o exílio e insiste em retornar a sua fazenda: “O rapaz lembrou-se do sítio, da vida passada no rio, das visitas ao *Retiro*, dos poucos meses de tranquilidade vividos em companhia da mãe e de Joaninha, quando ele acariciava os sonhos de aventura que lhes prometia o amor” (SOUSA, 1990, p. 206). A pequena vila de Alenquer, e tudo o que ela representa, é o grande motivo pelo qual José rememora. É ali onde José foi feliz, encontrou Joaninha e onde pretendia viver com ela em harmonia com o rio e a natureza.

Ocorre que, no final da narrativa, José descobre que o padre Samuel havia mentido sobre sua mãe e Joaninha, e na verdade, havia ocorrido o pior: sua mãe havia falecido no confronto com os

bandidos de Fabrício, e Joantina, por crer que José também havia falecido no incidente, casou-se com o capitão Fabrício. Tal descoberta fez com que José retornasse a Alenquer e atirasse no capitão Fabrício.

Da memória e um oceano: o português Gonçalo Bastos longe do lar

História de um pescador, assim como todas as obras de Inglês de Sousa, mostra a Amazônia e todas suas nuances no século XIX. É um novo retrato de uma região afetada, em todos os aspectos, pela colonização relativamente recente (em termos de Amazônia). Se trata de uma nova etnografia em construção efervescente. Ainda há até este momento, um fluxo constante de europeus chegando a essas terras, pela quase sempre frustrante ideia de que a Amazônia é a Canaã, o lugar onde o trabalho fácil se recompensa rápido. Isto fez com que a Amazônia se tornasse um lugar onde variadas raças se misturaram ao longo dos séculos.

No contexto amazônico em questão, interação entre si o branco, o tapuío e o negro. Em *História de um pescador*, o homem branco, quase sempre, representa o autoritarismo, a violência contra o tapuío e o negro. Provém do branco o abuso de poder, tido como direito natural, pelo fato de se ser branco em uma terra de seres tidos inferiores. Este processo é histórico, e na obra de Inglês de Sousa, ganha teor literário através do personagem Fabrício.

Entretanto, a obra, além de apresentar a violência do homem branco na Amazônia, traz o já mencionado personagem Gonçalo Bastos, um bondoso e velho imigrante português que abandona Portugal para viver na Amazônia. Gonçalo encontra José nas suas propriedades, após o afogamento, e lhe presta toda assistência possível para sua recuperação.

Gonçalo Bastos, assim como muitos imigrantes europeus na Amazônia, tanto na ficção quanto na realidade, é um personagem tomado pela nostalgia de sua terra natal, Portugal, e sempre se vê lembrando, com muita precisão, os tempos em que esteve neste lugar, com certo arrependimento, de ter abandonado Portugal:

O português pensava na pátria que deixara, e sentia nascer-lhe no coração o dulcíssimo sentimento de saudade. Ele lembrava-se da vida passada à margem do Douro na aldeia natal, e dos duros trabalhos do campônio, das cantigas melancólicas das saloias, dos serões junto à lareira quando fora despojara o vento frio do inverno, e a neve despojava as árvores das folhas e embranquecia os telhados (SOUSA, 1990, p. 182).

Sua esposa, Maria Antônia, também portuguesa, reemprende as memórias de Gonçalo a respeito da terra natal, afirmando que pode soar ingratidão perante Deus tais lamentações e nostalgias. Porém,

muito intimamente, Maria Antônia também sente as mesmas nostalgias do marido a respeito de Portugal, e apenas não os compartilha para não aumentar a angústia de Gonçalo.

- Estás a pensar na terra, ó Gonçalo Bastos? § - Queres, ó mulher de Deus? A gente também tem cá as suas horas de cismas. Não é por querer murmurar do Senhor mas também tenho momentos de tristeza; momentos em que a gente não se sente bem. Há suas vezes em que me entram cá dentro umas certas ideias da terra, da eira, da descamisada, daquilo tudo, que me fazem umas cócegas. Não é por querer falar mal desta nação, mas sempre é verdade que a gente faz uma grande asneira em deixar os seus. Bem dizia o Tiago do Vinhedo que cada um deve morrer onde nasceu, que isso de correr terras é uma tentação de Belzebu (SOUSA, 1990, p. 183).

Gonçalo compartilha seus pensamentos, porque busca certificar suas memórias com a esposa Maria, pelo fato de que, em termos de memória coletiva, essa verificação conjunta solidifica a memória e consolida o vínculo com a identidade dos grupos (ASSMANN, 2011). Entretanto, Maria não se vê muito disposta a compartilhar da memória do marido de maneira explícita, argumentando que este ato não corresponde à vontade divina, e, por tanto, classifica esse processo de rememoração como inapropriado, ainda que no fundo tenha as mesmas sensações do marido.

Considerações

Podemos considerar que, tanto o tapuío José quanto o imigrante português Gonçalo (e algum sentido, até nosso autor, Inglês de Sousa), convergem quanto a necessidade de rememorar, pois todos querem, movidos pelo distanciamento, manter-se próximos de sua infância, de sua terra natal e de seus costumes, e usam a memória para estar mais perto de onde gostariam de estar, sempre acudindo a ela os locais e as características de outros tempos e outros lugares, motivados, em algum grau, pelo medo da perda: seja do elo, seja da identidade.

Le Goff (1996, p. 475) argumenta que a memória coletiva ganha real importância dentro da evolução das sociedades a partir da segunda metade do século XX, muito por conta da consciência das implicações da colonização e dos apagamentos das memórias causadas pelo processo causaram em algumas sociedades, como a amazônica, inclusive. Por esta razão concluímos que obras como *História de um pescador* do escrito paraense Inglês de Sousa, que nos levam a outro período da Amazônia, são importantes documentos literários e sociais de resgates da memória de um povo que foi obrigado a se esquecer. Entretanto, o lembrar-se é uma experiência de reconhecimento, recriação das coisas e de si.

Já a memória mais coletiva, para Ricoeur (2007), pode ser considerada como a defesa do esquecimento, sendo desenvolvida ao ponto de assegurar os dados trágicos do passado com a prática da memória, isto é, assegurar que acontecimentos ruins do passado não ocorram novamente. O autor insiste na persistência da memória do holocausto, porque acredita que esse é o único meio de evitá-lo na posterioridade, e assim podemos propor que seja feito com outras tragédias humanas, como o

assassinato de populações originárias da América e da África durante a colonização desses continentes, para que tais crueldades não se repitam.

Tendo em conta que a memória é um debate relevante quando nos referimos a uma literatura tão parca sobre a Amazônia inaudita do século XIX, fica claro que, seja para o autor, seja para os personagens e para os leitores inquietos, a reflexão sobre a memória revela um campo de constantes atualizações e projeções de representações e discursos balizados por interesses e legitimações de poder.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, Lourenço. **Simá – Romance histórico do alto Amazonas**. 1ª Ed. Pernambuco: Tipografia F.C. de Lemos e Silva, 1857.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: UNICAMP, 2011.

BARRETO, Mauro. **O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa**. Presidente Venceslau: Letras à margem, 2003.

CANDAU, Jöel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. 4ª ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

NEIDE, Gondim. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2007.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento. Seis ensaios da história das ideias**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SALLES, Vicente. “Introdução”. In: **História de um pescador (Cenas da vida no Amazonas)**. 2ª ed. Belém: SECULT, 1990.

SOUSA, Inglês de Sousa. **História de um pescador (Cenas da vida no Amazonas)**. 2ª ed. Belém: SECULT, 1990.

Recebido em 02 de outubro de 2018
Aceito em 28 de dezembro de 2018